

## RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE: Interseccionando as vivências da população negra brasileira enquanto comunidade LGBTQIAP+

Paula Julia Rodrigues Barbosa<sup>1</sup>

Rafaela Gomes Oliveira<sup>2</sup>

### RESUMO

O foco deste artigo se trata de observar as vivências que atravessam os corpos negros no Brasil, bem como, realizar uma análise sobre quais os fatores que colocam em risco as trajetórias e o existir da população negra inserida na comunidade LGBTQIAP+, ressaltando esses sujeitos como protagonistas detentores da sua pertença étnico-racial, gênero e sexualidade. Assim, através de uma pesquisa bibliográfica interseccionamos as formas que se configuram, no contexto brasileiro, o existir de um corpo negro LGBTQIAP+, suas dores e resistências ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** Raça; Gênero; Sexualidade; Interseccionalidade.

### ABSTRACT

The focus of this article is to observe the experiences that cross black bodies in Brazil, as well as to analyze the factors that put at risk the trajectories and the existence of the black population within the LGBTQIAP+ community, highlighting these subjects as protagonists who hold their ethno-racial belonging, gender and sexuality. Thus, through a bibliographical research we intersect the ways in which the existence of a black LGBTQIAP+ body, its pains and resistances over time are configured in the Brazilian context.

**Keywords:** Race; Gender; Sexuality; Intersectionality

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo geral observar a intersecção entre raça, gênero e sexualidade dentro das múltiplas vivências possíveis da população negra brasileira. O primeiro passo para conseguir realizar este objetivo geral é realizar uma reflexão acerca da categoria interseccionalidade, através de leitura dos estudos feitos por Carla Akotirene, Kimberlé Creshaw e Angela Davis. O conceito de interseccionalidade, e não de consubstancialidade, foi escolhido devido ao trabalho

<sup>1</sup> UECE; Mestranda; [paula.julia@aluno.uece.br](mailto:paula.julia@aluno.uece.br)

<sup>2</sup> UECE; Graduada; [rafa03.gomes@aluno.uece.br](mailto:rafa03.gomes@aluno.uece.br)

ter como foco vivências do Brasil. Logo, percebemos a interseccionalidade como categoria que “[...] visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado [...]” (AKOTIRENE, 2019, p. 14), sendo de suma importância se utilizar um método que compreenda as hierarquias e as categorizações construídas a partir de um olhar que fuja de visões coloniais (LIMA, 2020).

Após a breve introdução acerca da interseccionalidade iremos apresentar um resgate histórico da população negra LGBTQI+ no contexto brasileiro, apresentando seus principais momentos de luta e de formas de resistência às múltiplas violências que foram e são vividas no decorrer desse processo histórico. A trajetória dos movimentos LGBTQI+ no Brasil, apesar dos constantes apagamentos históricos, sempre teve como protagonistas os negros e negras atuando enquanto organizadores de suas lutas.

Uma das primeiras mulheres negras a se assumir como lésbica dentro dos movimentos sociais do Rio de Janeiro foi Neusa das Dores. Para Rosângela Castro (2021), esse ato trouxe um impacto gigantesco pois até então esses assuntos não eram discutidos, existindo um silenciamento imposto acerca destas pautas (NOGUEIRA, 2021).

Quando observamos pessoas negras LGBTQI+ falarem acerca de suas vivências, assumirem um lugar político que possibilite a visibilidade destas, podemos finalmente chegar a um início de um processo que busca romper com a segregação e a desigualdade, compreendendo esses fatores como violências e formas de controle embutidos de forma forçada na vida de cada sujeito desta população (NOGUEIRA, 2021).

Dando continuidade, iremos dialogar sobre as principais questões e problemáticas relacionadas às vivências da população negra LGBTQIA+, tendo como foco a análise desse sistema que oprime por conta do gênero, pertença étnico-racial, sexualidade, territorialidade, entre tantas outras maneiras de se negar a existência. Além disso, buscaremos compreender quais as problemáticas que atravessam a vida das pessoas que estão inseridas na comunidade LGBTQIA+, bem como, relacionar essas questões com as encruzilhadas que se expressam diante os fatores raciais e de gênero.

Propomos interseccionar e esmiuçar as formas de subalternização que sistematicamente, em seu sentido social, político e econômico, controla a diversidade desses corpos e determina a condição de suas vidas. Vale ressaltar que por mais que não exista uma hierarquia de opressão, levando em consideração que “[...] em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos [...]” (AKOTIRENE, 2019, p. 27), é necessário o debate e articulação neste meio identitário para que se consiga perceber que estas opressões estão vinculadas a fatores estruturais e estruturantes de um todo, que nesse contexto são condições fundantes da sociedade brasileira.

Quando falamos sobre subalternidade, é importante lembrar a forma como o racismo ensinou o mundo a pensar em uma forma hierárquica (GONÇALVES, 2018),

esta hierarquização também está diretamente relacionada a discussão que Sueli Carneiro (2005) realiza, pensando na forma como o sujeito ocidental branco foi se construindo como o ser “hegemônico”, e a partir da construção dessa hegemonia, o negro foi estabelecido como um “não ser”, como algo que está fora do que está estebelecido como ser humano.

Esse processo de desumanização, apesar de parecer abstrato, está fortemente incrustado no imaginário social, esse processo de ver corpos negros como sulbaternos, é tão enraizado que faz muitos observarem o racismo como uma categoria natural (GONÇALVEZ,2018), fechando assim os olhos para a forma como essa hierarquização é resultado das relações de poder vigentes.

A desumanização faz com que as violências sejam vistas com natureza ou completamente despercebidas, de acordo com pesquisa realizada pela FIOCRUZ, metade da violência contra LGBTQI+ que chega a ser registrada ou denunciada no Brasil tem como alvo principal pessoas negras. Desta forma, se observa como fundamental investigar quais as formas das trajetórias desta população vem sendo traçadas, assim como tomar conhecimento de suas dores e resistências ao longo do tempo.

## 2 POPULAÇÃO NEGRA LGBTQIA+ SUAS LUTAS E RESISTÊNCIAS EM UM CONTEXTO BRASILEIRO.

Inicialmente, antes de partir para a análise da população negra LGBTQIA+ no Brasil, é importante inicialmente relatar que é impossível analisar estas questões sem levarmos em conta as opressões que estão em volta a estas vivências, no presente artigo iremos utilizar a noção de interseccionalidade para observar estas questões.

Os principais demarcadores sociais analisados serão os que relacionam gênero, raça e sexualidade, a partir de um objetivo de, como já foi relatado anteriormente, ter uma perspectiva teórica que consiga associar o capitalismo, a raça e o cisheteropatriarcado (AKOTIRENE, 2019). Ainda é possível verificar que este trabalho também retrata esta população em um contexto específico, que é o brasileiro. Analisando historicamente os estudos acerca de padrões de gênero que fogem do modelo cisheteronormativo são a maioria focados em vivências ocidentais em um núcleo europeu-estadunidense (CALHEIROS. 2010). Estudar e analisar outras vivências faz parte também de uma perspectiva de construir uma “descolonização da sexualidade” (REA; AMANCIO, 2018).

O movimento LGBT+ do Brasil teve seu início em meados dos anos 70, “[...] e transformou-se nos últimos anos em um dos movimentos sociais de maior expressão no país.” (FACCHINI; FRANÇA, 2009, p.56). De acordo com Ariana Mara da Silva (2015), neste período, o ataque aos ambientes LGBTQI+ se tornou constante, um dos ataques mais impactantes foi o que deu início ao que foi chamado



Stonewall<sup>3</sup> brasileiro, o ataque ao bar Ferro, que era conhecido por ser um estabelecimento frequentado por mulheres bissexuais e lésbicas. A expulsão se deu após estas começarem a realizar a venda de um jornal especialmente voltado para mulheres que se relacionam com mulheres, o boletim “ChanaComChana”. As mulheres resolveram então voltar a ocupar o bar e no dia 19 de Agosto de 1983 realizaram um protesto, por isto o dia 19 de Agosto foi instituído como o Dia da Visibilidade Lésbica.

Em 1978, surgiu o primeiro grupo brasileiro, denominado de “Somos”, na discussão da homossexualidade e no processo de propor politicamente formas de transformações sociais, tinha-se como estratégia cotidiana a resignificação positiva de termos que socialmente foram utilizados para oprimir e silenciar, como “bicha”, “sapatão”, entre outros (FACCHINI; FRANÇA, 2009).

Vale ressaltar que o contexto histórico desse período era marcado “[...] pela contracultura, pela ditadura militar, por intensa atividade de grupos de esquerda [...]”, bem como, “[...] pelo surgimento e a visibilização das versões modernas do movimento feminista e negro (MacRae, 1990)” (FACCHINI; FRANÇA, 2009, p.59). Logo, percebemos uma intensa efervescência dos movimentos sociais na busca revolucionária de romper as violências atravessadas tanto pelo próprio regime ditatorial quanto pelas questões de gênero, sexualidade, raça, classe social.

Facchini e França (2009, p.59), pontuam que é nesse contexto que outros grupos da comunidade LGBT+ surgem e também “[...] frases como “o movimento homossexual é revolucionário e não apenas reformista!” [...]”. Fortalecendo esse processo de ruptura, fomentando as lutas contra os diversos tipos de violência, discriminações, direito ao casamento homoafetivo, “[...] tratamento digno na mídia, por educação sexual nas escolas e contra a patologização de homossexuais [...]”. Entretanto, em meados dos anos 80, esse processo de efervescência dos movimentos foi se desarticulando.

Esse processo de desarticulação passa a ocorrer por conta de vários fatores, entre eles o próprio contexto de democracia que alavancou a busca de novas estratégias de unificação, tendo em vista que o descontentamento e a revolta contra a repressão do sistema ditatorial, até então, era o que unificava os diversos movimentos. Outro fator que impactou nesse processo foi a epidemia do HIV, trazendo consigo a desmobilização das pautas de libertação sexual, estigmatização social e diversas violências institucionais da saúde para com a população LGBT+ (FACCHINI; FRANÇA, 2009,).

É a partir do início dos 90, diante todo o contexto de redemocratização, que o movimento se multiplica e se diversifica, colocando em pauta o reconhecimento e a existência das pessoas bissexuais, transsexuais e travestis (FACCHINI; FRANÇA, 2009). Deixando nítido que não existe movimento social homogêneo, existem

<sup>3</sup> A batalha de Stonewall é um dos grandes marcos do movimento LGBTQI+, e ocorreu nos Estados Unidos, na década de 60, quando um grupo de LGBTQI+ foi expulso do bar Stonewall inn por policiais, o grupo então resistiu a esta expulsão e a outras tentativas violentas de retirada desta comunidade de dentro do bar. (BELLMONTE e FERREIRA, 2020)

diversas pautas de diferentes grupos que devem ser atendidas e reconhecidas, levando em consideração que é por meio dessa diversidade que se torna possível pensar em um projeto de sociedade revolucionária.

### 3 CORPOS SUBALTERNIZADOS: PESSOAS NEGRAS LGBTQIA+ E SEU DIREITO DE EXISTIR.

Quando falamos de subalternização estamos auxiliando na criação de uma nova epistemologia e novas referências, é necessário observar estas vivências porque estas se encontram invisibilizadas e vistas como formas de vida que não valem a pena compreendidas e respeitadas (PELUCIO, 2012).

Os homens negros já possuem dificuldades de corresponder as expectativas de masculinidade por causa do racismo (FAUSTINO, 2014), dificuldades estas são relacionadas diretamente ao arquétipo de poder relacionado a masculinidade, o qual esta relacionado por sua vez a relações financeiras do sistema atual, como a possibilidade de ser o provedor da família. Existe então uma “noção fixa de um masculino, pensada geralmente a partir do clássico referencial ocidental (branco, heterossexual, de classe média, cristão, urbano, etc...)” (FAUSTINO, 2014) Estas posições tentam de toda forma excluir homens negros, marginalizar e atribuir características não humanas a estas pessoas, contribuindo diretamente para processos de desumanização e subalternização. (JULIANO, 2017).

As vivências de jovens negros LGBTQIA+ atualmente buscam superar esta subalternização, traçando novos caminhos se apropriando de noções de fluidez de gênero e de transição entre várias formas possíveis de viver a sexualidade (JULIANO, 2017), e buscando encontrar em suas vivências uma forma de refutar os ideais impostos pela coloniedade racista. Vale ressaltar que enquanto o negro heterossexual é subalternizado, animalizado pela sua pertença étnico-racial a população negra LGBTQIA+ é atravessada tanto pelo racismo quanto pela lgbtfobia colocando-os no lugar de erro, de "depravados", sua existência se torna motivo de violências na perspectiva de correção desses corpos.

Já quando falamos das vidas das mulheres lésbicas e bissexuais nos deparamos com uma vida atravessada por três eixos diferentes de opressão: raça, gênero e sexualidade, que também se relacionam com outras categorias como classe, geração, território entre outras. (COLLINS, 2012; LORDE, 1984; hooks, 1984, 2000; DAVIS, 2016; CLARKE, 1988).

Estas mulheres têm suas vidas marcadas por diversas dores, e atravessam diversas formas de violências diferentes, que vão desde injúrias a estupro corretivo, espancamentos e assassinatos. Essas violências também estavam presentes dentro de sua participação do movimento LGBTQIA+, pois neste elas são apagadas, pois se trata também de um movimento hegemonicamente branco e misógino. (LIMA, 2018)

É impossível então dissociar então a vida das mulheres lésbicas e bissexuais negras dos debates acerca das questões raciais, é possível observar a raça como a espinha dorsal destes processos que atravessam estes corpos (LIMA,



2017). Para conseguir então enfrentar estes processos de silenciamento e de violência é necessário enfrentar as práticas racistas, e isto só pode se tornar uma possibilidade concreta se primeiramente conseguirmos encarar os elementos da colonialidade, em especial os que estão relacionados ao processo escravocrata e os que estão presentes de formas não tão explícitas, mas estão no imaginário social (LIMA, 2018).

Além de debater e enfrentar a colonialidade é necessário, também, combater a invisibilidade da vida destas mulheres, para que possamos assim minimizar e enfrentar efetivamente os diferentes tipos de violências vivenciadas por estas. Sendo importante ressaltar que o meio acadêmico “[...] precisa romper o silêncio muitas vezes perpetuado diante das opressões, principalmente as raciais, sexuais e de gênero” (LIMA, 2008, p.8).

Quando falamos acerca da transexualidade, mais uma categoria entra nas análises, passamos então a enxergar o binarismo de gênero como algo que reforça a cisheteronormatividade. O binarismo de gênero também é um fruto da colonialidade, a partir do momento que estas noções também foram impostas a nossa sociedade a partir do processo da colonização (OLIVEIRA, 2018)

As vivências de transexuais, travestis e pessoas não binárias também tem sido silenciadas pela academia (OLIVEIRA, 2018), a transfobia demonstra uma letalidade ainda maior no Brasil, para Judith Butler (2017), a categoria gênero traz um regimento de ordens para os corpos, e os que fogem da cisheteronormatividades, acabam estando em situações precárias que produzem morte, tal qual a desumanização vivenciadas por negros e negras (NASCIMENTO, 2020)

## 4 CONCLUSÃO

Diante de tudo que foi relatado, das vivências que são compostas das mais diferentes subjetividades, mas todas elas intrinsecamente relacionadas com dores e violências do cisheteropatriarcado branco, sendo este fruto da colonialidade. Essas questões são melhor observadas quando podemos recorrer a interseccionalidade como uma ferramenta de análise.

Na primeira parte do presente artigo podemos observar o protagonismo lésbico dentro do movimento LGBTQIAP+ no Brasil, e sobre o início deste movimento em seu processo de se construir como um projeto revolucionário. Já na segunda parte observamos um pouco mais a fundo sobre as experiências de pessoas negras LGBTQIAP+ e sobre a forma que a intersecção de raça, sexualidade, gênero e colonialidade são vividas por essas pessoas.

É necessário a continuidade e compromisso com os estudos acerca de suas vivências, para retirar estas da invisibilidade e garantir que as vidas LGBTQI+ negras tenham uma esperança de um futuro melhor, que o respeito à diversidade e as discussões sobre a temática proporcionem algum impacto positivo para a compreensão das especificidades dessa população

Terminamos o presente trabalho com uma frase de uma pesquisadora negra e lésbica que pode conduzir um pouco qual o caminho que é necessário ser

tomado, “Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas.” (LORDE 1984).

## REFERÊNCIAS (exemplos de alguns tipos de referência)

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo : Sueli Carneiro. Pólen, 2019. p. 152. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade\\_%28Feminismos\\_Plurais%29\\_-\\_Carla\\_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_%28Feminismos_Plurais%29_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359). Acesso em: 12 jun. 2022.

CLARKE, Cheryl. **El lesbianismo: un acto de resistencia**. In: Moraga, Cherríe & Castillo, Ana. Esta puente, mi espalda. San Francisco, ismpress, 1988

COLLINS, Patricia Hill. Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro. In: MERCEDES, Jabardo. Feminismos negros: uma antologia. Madrid: Traficante de sueños, 2012.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

LORDE, A. Age, race, class and sex: women redefining difference. In: \_\_\_\_\_. Sister outsider: Essays and speeches. Freedom, CA. Press. 1984

HOOKS, B. **Black Women: Shaping Feminist Theory**. In: \_\_\_\_\_. Feminist Theory from Margin to Centre. Cambridge: South End Press, 1984.

\_\_\_\_\_. **Feminist Politics**. In: \_\_\_\_\_. Feminism is for everybody– Passionate Politics. Cambridge, South and Press, 2000.

LIMA, Fátima. **Vidas Pretas, Processos de Subjetivação e Sofrimento Psíquico: sobre viveres, feminismo, interseccionalidades e mulheres negras**. In: PEREIRA, Melissa de Oliveira & GOUVEA, Raquel (org.). Luta Manicomial e Feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. p. 70-85.

LIMA, Fátima. Raça, interseccionalidade e violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. **Cadernos de gênero e diversidade**, v. 4, n. 2, p. 66-82, 2018.

FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, núm. 3, Rio de Janeiro, 2009, p. 54-81. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322974004>. Acesso em: 27 de jun. 2022.

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira. Eu não vou morrer: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, p. c21581-c21581, 2020.

NOGUEIRA, Nadia Cristina. Lésbicas negras em movimento. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, 2021.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. A lógica do poder, a heteronormatividade e o racismo: o epistemicídio e a subalternidade como estratégias de repressão e de vulnerabilidade. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 1, n. 2, p. 69-94, 2018.

SILVA, Ariana Mara da. **Griôs Sapatonas Brasileiras e Lampião da Esquina: o contraste das questões de gênero, raça e sexualidade na fonte oral e na fonte escrita**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 2, n. 2, p. 395-395, 2012.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Transexistências negras: O lugar de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil e em África até o século XIX. **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa (ações) nos espaços de educação**, p. 69, 2018.

JULIANO, Pedro Barcellos Rodrigues. Ei, você aí macho discreto, chega mais, cola aqui, vamos bater um papo reto: Tratando de masculinidades e vivências negras. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 4, n. 1, p. 132-143, 2020.

AUSTINO, D. **O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo**. In: BLAY, E. A. Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75 -104

PROMOÇÃO



APOIO

